



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2022: SIC - XXXIV SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2022
<b>Local</b>	Campus Centro - UFRGS
<b>Título</b>	Análise microbiológica do líquido de preservação de órgãos em transplante renal e avaliação de desfechos relacionados
<b>Autor</b>	MARCELA FRAGA RUTKOSKI
<b>Orientador</b>	ANDREA CARLA BAUER

Justificativa: O líquido de preservação (LP) foi desenvolvido para manutenção de órgãos a serem transplantados. Apesar de estéril, o LP é passível de contaminação e infecções que podem impactar desfechos clínicos no pós-transplante renal. No entanto, estes impactos ainda não são completamente compreendidos. Objetivo: Determinar a prevalência de positividade microbiana em LP de órgãos (rins) transplantados no HCPA e analisar a incidência de infecções no pós-transplante relacionadas ou não às culturas positivas. Método: Estudo de coorte retrospectivo, centro único. Foram incluídos 256 pacientes submetidos a transplante renal de doador falecido de abril de 2016 até o 2019. Amostras de LP (10ml) foram coletadas no centro cirúrgico e encaminhadas ao laboratório de microbiologia. Ocorrência de infecções no pós-transplante foi avaliada através dos prontuários eletrônicos. Resultados: Idade média dos receptores foi de 55 anos, 61,71% homens e 82,03% brancos. Acidentes vasculares (42,18%) e traumatismo cranioencefálico (39,45%) foram as causas de óbito mais frequentes. A prevalência de culturas positivas do LP foi de 72,6%, sendo 65,64% por estafilococos coagulase-negativo, 7,52% de bacilos gram-negativos e 1,07% de fungos. Das amostras positivas, 29,03% foram tratadas preventivamente, sendo a Doxiciclina utilizada em 57,4% dos casos. Em relação a infecções no pós-transplante, 43,36% desenvolveram infecção no primeiro mês não relacionadas ao LP. O sítio mais comum foi o trato urinário (71,17%), seguido por de corrente sanguínea (5,4%). No segundo episódio de infecção, o trato urinário também foi o mais acometido (72,22%). Entre os pacientes que tiveram infecção no primeiro 1º mês, 26,66% trataram preventivamente o LP. Ao comparar os LP tratados e não tratados em relação à ocorrência de infecção no primeiro mês, não houve diferença entre os grupos ( $p=0,291$ ).